Universidade do Estado do Rio de janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Latife Rodrigues Faraht

MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES E CRÍTICAS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

São Gonçalo
2012

Latifе Rodrigues Faraht

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de pedagoga, no curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Profª. Drª. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo

2012

Latife Rodrigues Faraht

MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES E CRÍTICAS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de pedagoga, no curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovado em:_____

Banca examinadora:_____

_____
Profª. Drª. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
Faculdade de Formação de Professores

_____
Profª. Drª. Mairce da Silva Araújo
Faculdade de Formação de Professores

São Gonçalo

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

F219 Faraht, Latife Rodrigues.

Método natural de alfabetização: reflexões e críticas a partir de um estudo de caso / Latife Rodrigues Faraht. – 2012.

41f.

Orientadora: Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Morais.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Alfabetização. 2. Marinho, Heloísa. I. Morais, Jacqueline de Fátima dos Santos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

CDU 37.014.22

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que sempre estiveram presentes ao longo desta caminhada. Em especial à minha querida e amada mãe que sempre me apoiou e nunca deixou que eu desanimasse.

À minha sobrinha Maria Eduarda, que foi a minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

O meu mais profundo agradecimento a Deus, que sempre esteve comigo, me guiando e amparando.

Aos meus pais, que sempre zelaram por mim e me fizeram ser quem sou hoje.

Aos meus familiares que me ajudaram, em especial a minha irmã Fernanda, meu irmão Fabiano, que sempre me apoiaram e principalmente a minha prima Renata, pois sem a ajuda dela teria sido muito mais difícil.

Ao meu marido pela paciência e compreensão, quando faltou tempo para ele.

À minha orientadora Profª. Drª. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais não só pela excelente profissional que é, mas acima de tudo pelo seu carinho e dedicação conosco, seus alunos.

Aos amigos do trabalho que não mediram esforços para colaborar com esse processo.

A minha amiga Magnólia, ela é especial, com ela ri, chorei, me diverti e aprendi muito. A minha amiga Letícia que sempre esteve pronta a me ajudar.

Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade. Sente-se em outra cadeira, no outro lugar da mesa, mais tarde, mude de mesa. Quando sair, procure andar pelo outro lado da rua. Depois, mude de caminho, ande por outras ruas, calmamente...

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso e tem por objetivo analisar o processo de alfabetização vivido por uma estudante, em uma escola que utilizou o Método Natural de Alfabetização, criado por Heloísa Marinho; Uma pesquisa sobre a vida e obra de Heloísa Marinho para, então, compreender as etapas que compõem o Método Natural de Alfabetização e como este foi pensado. Faço também um paralelo com métodos tradicionais de alfabetização. Deste modo, tal trabalho busca refletir sobre a forma como este método de alfabetização foi aplicado na escola em questão.

Palavras-chave: Alfabetização- Método Natural de Alfabetização- Heloísa Marinho

SUMÁRIO

1 **MEMORIAL DE FORMAÇÃO**----------8

2 **QUEM FOI HELOÍSA MARINHO E O QUE É O MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO**----------17

3 **ESTUDO DE CASO: ALFABETIZAÇÃO DA MARIA EDUARDA**------31

4 **CONCLUSÃO**----------39

5 **REFERÊNCIAS** ----------41

Capitulo I

MEMORIAL DE FORMAÇÂO

O que é um memorial de formação? Confesso que a princípio achei que fosse apenas colocar minhas lembranças no papel. Mas me surpreendi. Vi que um memorial de formação tem uma função ímpar, que é valorizar as experiências dos seres em formação. Uma vez que vivemos em uma cultura que valoriza pouco os alunos. Contar a sua história só é possível quando você faz “algo que mereça ser escrito”, escrito significa ser lembrado. No memorial o conhecimento produzido no cotidiano de quem narra se difunde, torna-se público. Desta forma passa a valorizar os registros de vivência, memórias, e experiência dos seres em formação, tornando-os assim seres reflexivos de sua formação e também de suas práticas, sejam elas atuais ou futuras.

O início da minha vida escolar foi muito agitado, minha mãe que o diga. Eu sou a filha caçula. Quando eu tinha apenas três anos, meus irmãos começaram a estudar e eu não. Todo dia acontecia a mesma confusão para que eles pudessem ir à escola. Minha mãe me dava banho, dava almoço, me penteava, passava perfume, preparava meu lanche, que era suco e um bolo, e arrumava na merendeira sempre com muito carinho, sem perder a paciência com aquela situação. Também colocava os cadernos, lápis, hidrocor, tudo na mochila. Ela fazia tudo para mim como que fazia com meus irmãos, do mesmo jeitinho. A única diferença é que eu nunca ia para escola. Todo santo dia minha mãe me enganava.

O caos acontecia da seguinte forma: como morávamos em um sobrado, minha mãe fazia tudo o que já contei, só que ela sempre deixava minha mochila e minha merendeira em casa e descia com todos nós na hora de entrar no carro ela sempre me mandava buscar minhas coisas. Pois bem, meus irmãos entravam no carro escondido de mim para ir ao colégio e eu sempre ficava. Quando me dava conta já havia sido enganada de novo. E o pior é que isso sempre se repetia: era uma choradeira só. Acho que toda essa pirraça acontecia porque via a alegria com que eles iam para a escola. Ouvia as histórias das brincadeiras e das festas que eles participavam eu queria viver tudo isso de perto, queria sentir na pela essa emoção e aquele encanto que a escola oferece principalmente as crianças menores,

que estão iniciando sua vida escolar. Também acho que essa choradeira acontecia porque eu ficava muito sozinha, já que meus primos também iam para a escola no mesmo horário, no mesmo carro. Só eu de criança ficava em casa. O meu desejo de estar na escola me faz lembrar de um texto de Paulo Freire, que vi em um blog, chamado Professora Gege, onde ele diz que:

> Escola é... o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.O diretor é gente,O coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém,nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se 'amarrar nela'! Ora , é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se,ser feliz. (Paulo Freire)

Penso como Freire, escola não pode ser um lugar frio e impessoal, escola tem ser, cada vez mais humanizada, tem acolher pessoas. Não tem só que ensinar conteúdos, mas também tem que formar " gente ".

Passado um ano, minha mãe parou de resistir e resolveu me colocar no colégio, e olhem o que ocorreu: mais um problema. Só tinha jardim III na escola que eu ia entrar e eu precisava cursar o jardim II. O Jardim III era a turma que recebia crianças de 5 anos de idade e o jardim II recebia alunos com 4 anos. Só para piorar o problema, eu não queria estudar em outro colégio e acho que nem minha mãe queria isso, ela também preferia que eu fosse nessa escola pois ela tinha uma relação de confiança com essa instituição, por conta dos meus irmãos que estudavam lá. A diretora se compadeceu do meu sofrimento e disse a minha mãe que me colocasse no jardim III mesmo, pois a professora se comprometeria em ter uma atenção especial comigo, de forma a garantir que eu acompanhasse o desenvolvimento do restante da turma. Penso que esta professora exemplifica o que Freire diz a respeito dos educadores: que necessitam olhar o espaço pedagógico como um lugar de solidariedade entre professores e alunos:

> Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", interpretado, "escrito" e "reescrito". Nesse sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato"

> deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola. (FREIRE, 2010,p96.)

Concordo com Freire, quando ele diz que deve existir solidariedade entre os envolvidos no processo de aprendizagem. Pois ser professora/educadora vai mais além de saber repassar seus conhecimentos, seus saberes, é necessário que saiba lidar com pessoas e interpretar suas atitudes.

Depois de muito choro e pirraça eu pude entrar no meu tão sonhado colégio o Educandário Marques dos Santos. Dentro desse colégio situado no município de Magé, no estado do Rio de Janeiro, havia um jardim de infância chamado Sossego da Mamãe. Quanta felicidade eu senti naquela época, ainda mais porque eu iria estudar na mesma sala da minha prima. Como fiquei bonita e orgulhosa dentro daquele uniforme: um vestidinho de sainha pregueada, curtinho, com as perninhas grossas de fora. Podemos ver na imagem a seguir como era o uniforme daquela escola.

Figura Foto Arquivo Pessoal

Foi um ano de alegrias. No ano seguinte vem mais um problema. Fiz o jardim III. Correspondi bem as expectativas, só que não tinha idade para cursar o C.A, pois

naquela época as crianças tinham que ter 6 anos completos e eu tinha apenas 5 anos. Então, tive que fazer o jardim III mais uma vez e outro drama ocorreu na minha vida: tive que me separar da minha prima. Foi horrível porque ela era uma espécie de porto seguro para mim no colégio, um lugar muito cobiçado, mas até então desconhecido do meu mundo.

Enfim, cheguei ao CA. Foi uma série sem grandes problemas, assim como toda minha vida escolar. Lembro que não tive muitas dificuldades no que diz respeito a alfabetização propriamente dita.Tive uma professora ótima, um docinho. O nome dela era Elenir. Minha mãe dizia que ela só podia ser santa de tão calma e paciente que ela era, mesmo tendo tantos “pestinhas” a sua volta, na sala de aula.

Não lembro bem qual o “método” utilizado pela professora para me alfabetizar, mas me recordo da cartilha com suas famílias silábicas, das historinhas que as acompanhavam, às vezes sem sentido algum para nós alunos. Lembro da frase o “Ivo viu a uva”, dos ditados (esses eram clássicos, todas as professoras utilizavam, até a quarta série), não me recordo da utilização dos livros paradidáticos, mas me recordo do parquinho, era o único lugar que podíamos nos soltar de verdade. Também não me lembro da tão famosa “rodinha” muito utilizada de uns tempos para cá. Quando fecho os olhos lembro-me daquela sala organizada por filas, todas sempre bem certinhas e alinhadas, do mais bagunceiro sentado lá atrás e o estudioso lá na frente. É incrível, até hoje vem em minhas lembranças da alfa, algumas das musiquinhas cantadas na escola para lanchar, lavar as mãos, escovar os dentes, ir para casa, e por aí vai. Uma delas que não sai da minha mente:

Tá quase na hora o sinal vai bater

A minha mãezinha contente eu vou ver

Adeus professora pra casa eu irei

Prometo amanhã eu aqui estarei

Pensando bem vi que não tenho forte em minha mente lembranças ruins da C.A, ou melhor, da minha trajetória como aluna. Acho que isso se dá pelo fato de eu ter gostado tanto daquela professora que me alfabetizou, e de querer tanto estar naquele lugar. Vejo que esses fatores fizeram toda a diferença na minha

alfabetização, e porque não na minha vida? As lembranças que tenho de minha professora da C.A, me remetem ao texto de Alves que diz :

> Quando se admira um mestre, o coração dá as ordens a inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro... (ALVES,2004,p35)

Na minha experiência como aluna, todas as vezes que admirei um professor, seja por qual motivo for, aprender o conteúdo por ele ministrado se tornou, uma tarefa mais fácil e prazerosa para mim, por isso acho que Alves soube descrever bem esse sentimento que nós alunas sentimos.

Se eu tivesse tido uma professora que não correspondesse as minhas expectativas, penso que teria reflexos ruins, seja na vida escolar ou não. Por isso sempre ressalto a importância de que para ser uma boa professora é preciso antes de tudo, gostar do que faz com todas as suas forças, porque esta é uma profissão as vezes desvalorizada pela sociedade e na maioria das vezes mal remunerada. Por isso penso que apesar de saber hoje que algumas das coisas utilizadas em minha alfabetização não eram reflexivas e adequadas para minha idade, penso que aquela professora fez o que pode e o que sabia e com o muito amor e alegria para que eu me alfabetizasse. Isso ocorreu no meu ponto de vista da melhor maneira possível, levando em conta a época e o contexto em que me encontrava. Desta forma, posso falar com todas as letras que amei minha alfabetização e amei aquela professora. Paulo Freire explica muito bem esse parágrafo.

> Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e alegria... É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode seu dever. Amorosamente acrescento. (FREIRE, 2010, p142)

Amorosidade descreve bem o que tem que ter um professor, para “sobreviver” no magistério em um país como o nosso. Arisco-me a dizer que sem esse sentimento, provavelmente grande parte de nossos professores já teria desistido deste ofício.

Sempre fui uma criança muito levada e na escola não seria diferente. Olha o que aprontei. Era uma sexta-feira, que antecedia o dia das mães. Havia aprendido a

descer a rua da minha casa, em uma bicicleta sem rodinhas. Só que não era um dia das mães comum: era o dia em que eu iria declamar meu primeiro poema em público em homenagem as mães, na festinha da escola.

Pois bem, nessa sexta-feira iria entrar um pouco mais tarde na escola por conta da festinha, foi quando tive a brilhante idéia de chamar todos meus irmãos, primos e amigos para verem que eu realmente tinha aprendido a descer o morro de bicicleta. Uma surpresa: caí. E o pior, eu que chamei todos para verem a minha surpresa. Porém as coisas não ocorreram do jeito que eu planejei: me esborrachei no chão, machuquei a testa, fui para o hospital, levei ponto e quase matei minha mãe do coração. Imagina o presente que dei pra ela? Um susto. Porém, o mais triste é que não pude declamar o poema para minha mãe na festa do colégio.

Esta história pode estar parecendo um drama, mas o mais engraçado ainda está por vim. Na semana seguinte ia tirar uma foto no colégio, dessas nas quais os alunos são maquiados e produzidos para fazer um pôster bem lindo. Eu, como sempre, queria participar de tudo o que acontecia no colégio. Só que minha mãe disse que eu não podia tirar a foto com o rosto machucado. Na mesma hora respondi: *não tem problema eu tiro de costas, aí não vai aparecer o machucado*. Enfim, depois de choro, pirraça e dessa resposta, não teve jeito e tirei a foto, modéstia parte, ficou uma gracinha, mesmo com rosto machucado. É que sou bonita de qualquer jeito. Como podemos ver na foto a seguir.

Foto Arquivo Pessoal

Nos anos seguintes, fui crescendo, ficando mais tímida. Os anos se passaram e no colégio nunca fui a melhor aluna da classe, mas também não era a pior, sempre tirei notas boas. O que realmente me marcou nessa época foi a responsabilidade que eu já tinha mesmo com pouca idade. Acordava sozinha, fazia minhas tarefas de casa, sem dar “trabalho” a minha mãe. Considerava o colégio como minha segunda casa já que sempre estudei no mesmo colégio desde a pré-escola. Conhecia todos e me dava bem com todos.

No ensino médio, houve uma mudança: troquei de escola. Com isso o método de ensino também mudou. Agora era uma coisa muito voltada para o vestibular. Lembro que eu me dava muito bem nas áreas humanas. Foi aí que me dei conta que estava realmente crescendo e fui ficando cada vez mais confusa em relação ao que realmente queria fazer da minha vida. Foi também quando comecei a não me dar muito bem com meu pai. Ele me tratava como a bonequinha (acho que porque sou a caçula). Mas não era esse tratamento que eu queria. Ele começou a limitar minha liberdade e isso me deixava revoltada, isso fez com que nós nos afastássemos por um período. Mas ainda bem que tenho uma mãe maravilhosa: ela contornou essa situação muito bem. Essa fase demorou, mas passou.

Já estava no 3º ano do ensino médio e não sabia o que queria fazer, esse é o meu maior defeito, sou uma pessoa muito indecisa e por conta disso fico insegura. Via minha irmã decidida pelo o que ia fazer. Ela sempre quis cursar direito, e assim o fez. Eu me sentia inferior por não saber o que queria. Foi aí que decidi fazer vestibular para faculdade pública. Queria que minha família sentisse orgulho de mim e principalmente não queria depender do meu pai para pagar minha faculdade.

Passei na primeira fase do vestibular da UERJ. Então pensei: vou escolher um curso que tenha a relação candidato/vaga baixa para eu conseguir passar. Escolhi pedagogia. Confesso que comecei o curso um pouco desmotivada sem nem saber o que estava fazendo ali. Sentia-me um peixe fora da água, no meio daquelas meninas sonhadoras, que desde que nasceram queriam ser professora. Pensei em parar e fazer outra coisa, mas não parei. Terminei as matérias da faculdade. Ficou restando apenas a monografia, confesso que me enrolei para fazer, até porque não pensava em trabalhar na área, trabalhava em comércio com meu pai e achava que poderia ser comerciante para o resto da vida. Vi que não estava tão feliz nessa área,

sabia que podia mais. Estava me sentindo já criando raízes, estagnada, como se estivesse fadada a ser comerciante para sempre.

Foi aí que tive uma oportunidade de emprego na área da educação. Fui convidada para ser orientadora escolar junto com uma amiga, mas não me senti segura para ocupar o cargo, além de não possuir diploma. Eu, porém, queria muito entrar no ramo educacional, fui convidada para trabalhar na secretaria de uma escola municipal, em Guapimirim e aceitei. Vi nesse cargo uma oportunidade de me familiarizar com o ambiente escolar e de me preparar para um futuro que espero ser não tão longe, lecionar ou ser orientadora pedagógica. Só agora vejo que me identifico muito com educação e sei que é isso o que quero realmente fazer. Acho que fui contagiada por minha tia, ela é professora e estava afastada muito tempo das salas de aula. Voltou no ano passado. Ela gosta de me contar sobre o desenvolvimento das crianças, sobre como está bom trabalhar com educação e de como melhorou as condições de trabalho em nosso município. Fiquei surpresa com a melhora, e curiosa também. Acho que pensei que estava perdendo uma oportunidade de por em prática tudo o que estudei e de alguma forma fazer parte das mudanças que ainda estão por vim. Mesmo não estando dentro do ambiente escolar percebo que as condições do sistema educacional melhoraram. Sei, porém, que ainda há muito a se fazer pela educação no meu município.

A educação infantil me chama muita atenção. Acho incrível uma criança chegar ao colégio com sua experiência e isso ir se transformando em conhecimento escolar. Fico encantada com a capacidade que as crianças têm de aprender. Em 2011 minha sobrinha passou para o 1º ano do ensino fundamental, ia ser alfabetizada. No começo do ano ela chorava, dizia que não sabia ler e escrever e que nunca ia aprender. Queria mudar de colégio, de professora. Confesso que até eu pensava que ela não ia aprender. Logo imaginei "*que falta faz a velha cartilha*". Pensei "*esses novos métodos de ensino são muito bonitos e filosóficos, mas na prática não funcionam tão bem assim"*. No decorrer do ano as reclamações foram ficando mais brandas e a alegria e a empolgação com as aulas reapareceram. Para minha felicidade no fim do mesmo ano ela já estava lendo e assimilando o conteúdo escolar de forma satisfatória. Isso serviu para eu refletir sobre minha formação: ficou comprovado pra mim que os novos métodos de ensino funcionam sim e que a alfabetização da minha sobrinha fez muito mais sentido para ela do que a minha fez

para mim. A fala de Telma Weisz sobre o livro de Emília ferreiro, Psicogênese da língua escrita explicita muito bem o que pude perceber em relação novos métodos de ensino:

> No entanto, considerar a alfabetização como construção de conhecimento em lugar de simples acúmulo de informação não significa assumir uma posição espontaneísta no que se refere ao ensino. Muito pelo contrário: uma abordagem psicogenética da alfabetização aumenta a responsabilidade da escola, em vez de diminuí-la. Nem significa que as crianças não precisem aprender o valor sonoro das letras. O que a psicogênese da língua escrita permitiu compreender é que esse saber não é suficiente para aprender a ler e escrever. Mas insuficiente não significa desnecessário. (WEISZ, revista viver mente cérebro, p10)

Os novos métodos de ensino, assim como o descrito acima terão sua importância destacada a partir do momento que não tentam limitar o aluno, não os apontam como os que não sabem. Respeitam a fase de desenvolvimento cognitivo da criança, usando uma métodologia que os tornem sujeitos do processo de alfabetização, deixando para a criança a função da descoberta e da iniciativa.

Então é isso, minha trajetória escolar foi tranqüila, a infância, muito agitada, a adolescência, às vezes conturbada, como mulher um pouco insegura, mas agora, decidida do que quero para o meu futuro.

A partir da minha formação e da visão do mundo que tenho hoje me vi indagada pela seguinte questão: quero entender como se deu o processo de alfabetização da minha sobrinha. Quero tentar compreender como apesar da minha formação acadêmica, ainda assim estava, (ou estou) muito impregnada dos métodos de ensino ditos tradicionais. Vou busca entender porque esses métodos de ensino mais modernos encontram tanta resistência. Ora pelas professoras, ora pela família dos alfabetizados. As respostas obterei analisando o material utilizado para alfabetizá-la, além claro de saber da fala dela e de seus familiares como esse processo ocorreu.

Capitulo II
QUEM FOI HELOÍSA MARINHO E O QUE É O MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO

Investigando os materiais utilizados pela escola Centro Educacional Imperial, situada no município de Magé, no RJ durante o processo de alfabetização da minha sobrinha Maria Eduarda, tive uma surpresa: o método utilizado para alfabetizá-la foi o Método Natural de Alfabetização, criado por Heloísa Marinho.

Depois de quatro anos cursando pedagogia, nunca havia discutido sobre ele nas aulas de alfabetização, sequer havia ouvido falar.

Como me deparei com essa falta de conhecimento sobre o assunto, me senti mais aguçada para conhecer e pesquisar sobre o Método Natural. Foi aí que ouvi falar sobre a mentora do método: Heloísa Marinho e algumas de suas seguidoras. Resolvi pesquisar sobre quem foi Heloísa Marinho e como é o Método Natural de Alfabetização. Penso ser importante conhecer a trajetória de vida desta autora porque a trajetória de vida de uma pessoa traz pistas para conhecermos sua prática e suas idéias.

Segundo Leite Filho (1997) Heloísa Marinho desde criança recebeu influência que marcaria sua trajetória profissional. Iniciou sua vida escolar no Colégio Americano de Petrópolis. Fez o curso de madureza no colégio Bennett, situado no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Madureza era o nome dado ao curso de educação de jovens e adultos e também era o nome dado ao exame final de aprovação deste curso. Curso este que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, era fixado em 16 e 19 anos as idades mínimas para o início dos cursos, respectivamente, de Madureza Ginasial e de Madureza Colegial. Era exigido, porém, um prazo de dois a três anos para a sua conclusão em cada ciclo.

Depois de fazer o curso normal, no mesmo colégio, forma-se em professora primária. Vale destacar que o curso normal frequentado por Heloísa baseava-se em um sistema diferente do dominante, na época, que era o francês. O curso que ela fez era mais moderno, tinha como suporte o modelo anglo-saxão. Os colégios protestantes, nos anos 20 utilizavam uma metodologia mais moderna e tinham como

objetivo, como Leite Filho define, *preparar e influenciar, alunos e alunas de classe média, á futura liderança do país e da Igreja.*

Pude perceber que três espaços ocuparam lugar de destaque na vida de Heloísa Marinho: o colégio Bennett, a Universidade de Chicago e o Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

É na Universidade de Chicago que Heloísa é diplomada bacharel em psicologia e lá faz especialização em Filosofia. É lá também que recebe grande influência de Froebel, John Dewey e Decroly. Froebel foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de grande importância na formação das pessoas, foi considerado o pai do jardim de infância, assumindo essa influência, Heloísa também passa a denominar as classes de ensino para crianças de 0 a 6 anos de idade, como jardim de infância. Nos Estados Unidos Heloísa tem contato com as ideias e práticas pedagógicas desse pensador alemão, já que estudou naquele país. Dewey foi um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século xx. A ideia básica do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno. Já Decroly primeiro forma-se em medicina mas como interesava-se muito pela educação, acabou por fazer a transição da medicina para a educação. Por conta de sua formação volta sua atenção para as crianças deficientes mentais. É ele quem preconizaria um modelo de ensino não-autoritário e não-religioso, nas escolas. No seu retorno ao Brasil Heloísa torna-se professora de psicologia geral no curso de madureza do colégio Bennett. Segundo Leite Filho ela revisita os espaços de sua formação.

Heloísa Marinho teve seu reconhecimento ao integrar-se ao chamado na época de Instituto de educação do Rio de Janeiro (hoje ISERJ). Junta-se a chamada vanguarda da educação brasileira. Vanguarda no sentido literal faz referência ao batalhão militar que precede as tropas em ataque durante uma batalha, logo percebo que neste contexto vanguarda quer dizer que eram aqueles e estavam à frente do processo que pretendia remodelar as políticas educacionais do país e eram estes que pensavam à frente do seu tempo, no que diz respeito à educação.

Heloísa considerava-se discípula de Lourenço filho e Anísio Teixeira. Anísio foi um educador/pensador que fez parte de uma das mais importantes reformas

educacionais ocorridas em nosso país, o movimento Escola Nova, participando do Manifesto dos Pioneiros. Este foi um documento pensado pela nata intelectual brasileira, que embora pertencessem a posições ideológicas diferentes viam na educação uma possibilidade de interferir positivamente na sociedade brasileira. Anísio pensava na educação como um bem maior de um povo, foi o grande defensor de uma escola gratuita e de qualidade para todos. Lourenço Filho também participa deste importante momento na história da educação brasileira. Mas sua carreira ganha destaque como pensador da formação de professores, orientação, supervisão, avaliação, direção escolar e educação infantil.

A “Escola Nova” caracteriza-se por ter um movimento de renovação do ensino, vai mostrar sua força na Europa, na América do Norte e no Brasil. Esse movimento deve-se ao progresso industrial e econômico ocorrido na 1ª metade do século XX. Todo esse progresso traz consigo também a desordem política e social. Com o surgimento dessa nova realidade fazia-se necessário um novo pensamento que fica a cargo de nossos teóricos como: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Esses teóricos perceberam que educação era um elemento eficaz na construção de uma sociedade democrática. Um sistema de ensino público e gratuito seria o único meio eficaz de combate as desigualdades sociais e a única forma de integrar o individuo a sociedade, opondo-se assim as práticas pedagógicas tradicionais da época.

Percebi que a carreira de Heloísa Marinho estruturou-se em um rico trabalho coletivo, desenvolvido por um grupo de educadores interessados em uma “Escola Nova”. Marlene Carvalho diz que:

> Conhecer e respeitar as necessidades e interesses da criança; partir da realidade do aluno e estabelecer relações entre a escola e a vida social são diretrizes do pensamento escolanovista. Métodos ativos -aprender fazendo - liberdade para criar e participação da criança no planejamento do ensino são algumas das estratégias recomendadas. (CARVALHO,2005,p32.)

De acordo com o que disse Carvalho, percebi que o método natural de alfabetização, de Heloísa Marinho, se encaixa perfeitamente no movimento escolanovista, este inspirou importantes transformações nas teorias e nas práticas educacionais da época.

É no Instituto de Formação do Rio de Janeiro que Heloísa desenvolve uma marca em sua carreira: formar professores/educadores de educação infantil. Em

1949 foi criado o curso de especialização em educação pré- primária, tendo Heloísa a frente deste processo. Servindo assim, para consolidar o Centro de Estudos da Criança, que passa também a ser um Centro de Formação de Professores.

Tomando como base essa pesquisa fico impressionada com a forma como o trabalho e o pensamento de Heloísa abrangeram diferentes grupos, desde as classes menos favorecidas, as classes de alto padrão e poder aquisitivo. Digo isso baseada no que Leite filho diz: que havia uma pressão interna na Secretaria de Educação de só entregar turmas de jardim para professoras que tivessem feito o curso com Heloísa no IERJ. Ou seja, devido sua formação e classe social a qual ela pertencia e por atuar no colégio Bennett , este que tinha como alvo principal a classe alta, fosse influenciar a elite e por ser uma exigência da Secretaria de Educação ter feito este curso para lecionar nas escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro também exerceria influencia sob as demais classes.

Essa mulher marcou um período em que propunha a ruptura com o tradicional em face de uma metodologia que dava importância a atividades diversificadas, lúdicas, criadoras e livres respeitando o tempo de cada criança, já que até aquele momento a educação infantil e a alfabetização eram bastante tradicionais.

Foto retirada da internet

Tradicional nesta época quer dizer uma educação pautada nos métodos de marcha sintética, aqueles que partem da unidade para o todo, começam o trabalho da sílaba para depois passar para a palavra, a frase e o texto. Como exemplo, temos as cartilhas que em geral utilizavam as famílias silábicas, que acompanhavam o que achavam que era a ordem crescente de dificuldade, ou seja, primeiro se ensinava o que pensávamos ser mais fácil, as famílias do P, do B, do V e depois o

LH, NH, CH. Acho necessário resaltar que as cartilhas nem sempre utilizam palavras ou textos que fazem algum sentido para as crianças.

Me chamam atenção os cursos de Extensão e aperfeiçoamento oferecidos no IERJ. Na época, são eles: Educação Pré-primária, Iniciação Escolar Primária e Educação de Crianças Excepcionais, que hoje não nomeamos mais de excepcionais, mas de especiais ou portadores de necessidades especiais. A quantidade de alunos que assistiam as aulas ministradas por Heloísa e que posteriormente seguiam sua linha de pensamento é bastante significativa. Fala-se em mais de mil só no IERJ. Algumas de suas alunas passaram a ter produção independente como Gilda Rizzo, autora do livro utilizado na alfabetização de minha sobrinha. Gilda Rizzo foi Aluna de Heloisa Marinho no IERJ, onde se formou em 1970, no curso de Pedagogia Especial, hoje Rizzo é uma pedagoga especializada em educação infantil e alfabetização.

Notei que Heloísa alimenta uma grande preocupação com a arquitetura, o espaço físico e a disposição da mobília no ambiente escolar, seu objetivo era colocar a criança no centro da escola. A imagem e o trecho a seguir de um de seus livros nos dão a dimensão dessa preocupação.

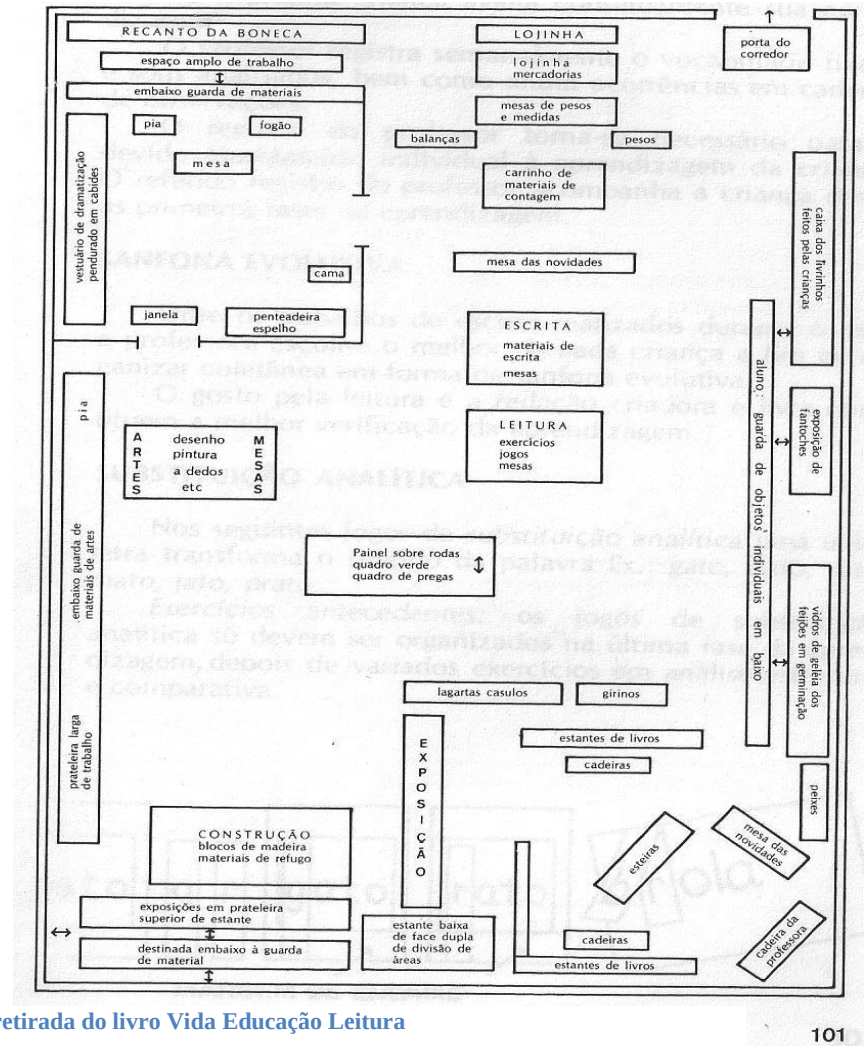


Imagem retirada do livro Vida Educação Leitura

> Mesas destinadas ao desenho, ao recorte, a modelagem favorecem a atividade criadora. Aquário, plantas em germinação, o canto da boneca, pequena biblioteca de livros coloridos, estórias escritas e ilustradas pela criança, incentivam a linguagem e o pensamento. O espaço livre destina-se a reunião da turma ou de pequenos grupos. Para apresentação geral dispõe a professora de painel duplo: quadro de pregas de um lado, e de giz de outro onde registra novidades e estórias ditadas pelas crianças, numa demonstração funcional da escrita conservar o pensamento. Na proximidade de exposições renovadas com freqüência, mesas estão reservadas a leitura e escrita. (MARINHO,1981,p13)

Ficou claro diante do trecho e da foto do livro Vida Educação Leitura, de Heloísa Marinho como ela defende que a questão da arquitetura e distribuição dos móveis no ambiente escolar influenciam no processo de ensino aprendizagem das crianças.

Também preocupava-se com interpretação dos desenhos de crianças de 4 a 6 anos de idade. Com o tempo escolar, este podendo ser flexível, porém deveria ser feito um roteiro diário, contendo todas as atividades a serem realizadas no dia, seguindo uma regra básica: uma atividade que demandava esforço deveria ser intercalada com outra que fosse menos agitada.

Outra constante no trabalho de Heloísa é a preocupação com as artes, estas deveriam estar presente em sala de aula das mais diversas formas e materiais possíveis. No Curso de Extensão e Aperfeiçoamento do IERJ, eram apresentados as professora técnicas de arte, na forma de receitas em que continham até o modo de fazer das atividades que envolviam arte. Um bom exemplo de técnica é a do giz de cera derretido como podemos ver na imagem abaixo.

Imagem retirada do caderno de atividades de Maria Eduarda

> Técnicas de arte – O desenho livre da criança, complemento indispensável da aprendizagem da leitura e da escrita, deverá ser estimulado por variadas técnicas de arte descritas no Livro Vida e Educação no Jardim de Infância onde o leitor igualmente encontra orientação educativa que estimula a expressão criadora. (MARINHO,1981,p60)

A partir dessa passagem, consigo entender o pensamento de Heloísa que pensava a arte como sendo parte integrante do processo de aprendizagem da leitura e escrita por parte das crianças. Pensava nas artes como um elemento facilitador desse processo.

As crianças deviam ser estimuladas a terem contato com as palavras, mas o vocabulário utilizado em sua alfabetização deveria vir da sua própria vivência.

Heloísa anunciava que o método natural desenvolvido por ela é um mix de "tudo de melhor", que era oferecido em relação a alfabetização, na época. Ela diz ter pinçado um pouco de cada teoria de educação relacionada à pré-escola e a alfabetização para, então criar o seu método revolucionário que vinha fazer frente aos modos tradicionais de ensino. Uma crítica que se faz ao trabalho de Heloísa Marinho é de que ela teria se apropriado do nome do método criado por Frenet: "Método Natural" e de algumas de suas técnicas, sem, no entanto dizer que ele era a fonte.

Heloísa conciliou os métodos globais com métodos fônicos. Os primeiros fundamentavam-se na psicologia da forma, acreditam que a criança tem uma visão globalizada do mundo, percebem o conjunto, antes de perceberem os detalhes. Acredita-se que isso também ocorra em relação às palavras. Os teóricos dessa linha de pensamento afirmam que antes das crianças perceberem as letras que compõem as palavras, percebem sua forma. Por isso defendem para o início da alfabetização o uso de palavras com formas diferentes, como exemplos temos : sol, nuvem, chuva. Nos métodos globais, a iniciação a leitura devem ocorrer com a utilização de unidades amplas como histórias ou frases, desta forma chegam ao nível de letra e de som.

Os métodos fônicos são fundamentados na sonoridade da língua, nos chamados fonemas, que se acredita ser unidades mínimas da língua, representado na escrita pelas letras do alfabeto. Carvalho, 2005 explica bem como se deu esse processo de fusão dos dois métodos de ensino:

> A autora que manifestou preocupação com a formação de habilidades de leitura além da decodificação, propunha-se a tornar a criança capaz de "ler e organizar

> sentenças e pequenos textos com sentido ideativo", assim como "extrair a ideia contida em um grupamento de palavras conhecidas". Aboliu a cartilha e recomendou que os primeiros exercícios fossem apresentados em folhas soltas, que reunidas formariam o que chamou pré-livro. (Carvalho, 2005, p42)

Concordo com Carvalho. A autora Heloísa Marinho tinha uma preocupação que ia além da decodificação e codificação das palavras. Imagino que Heloísa, ao desenvolver esse método pensava em uma educação menos mecânica e que desse mais ênfase as especificidades dos alunos. Esta compreenderia que o processo de aprendizagem da leitura e escrita teriam a função de formar e capacitar os alunos para serem sujeitos mais atuantes em nossa sociedade.

Só agora consegui entender a dimensão do título de uma tese de mestrado que serviu como bibliografia para minha monografia "Educadora de educadoras: trajetória e idéias de Heloísa Marinho". Esta autora marcou um período que durou de 1934 a 1978. Neste período, fez várias pesquisas, Leite Filho afirma que ao obter o resultado de uma pesquisa, Heloísa não deixava de relacioná-los a propostas educativas, principalmente relacionadas à formação de professores. Publicou vários livros, todos com ênfase na educação infantil e na alfabetização, um deles é o livro Vida e Educação no Jardim de Infância (1960), onde continha detalhes de como deveria ser o espaço, como seria distribuída a mobília, os horários das atividades, questões de higiene, merenda e até disciplina, reforçando uma marca em sua carreira, que é a formação de professores para atuar na educação infantil e na alfabetização. Sua última publicação é em 1978 com o Livro Estimulação Essencial pela editora Papelaria América. Faz parte do Núcleo de Desenvolvimento da Criança no colégio Bennett em 1979, que passará a chamar Instituto Bennett de Desenvolvimento da Criança. Seu último feito será a criação do Instituto de Pesquisa Heloísa Marinho o IPHEM, em 1982. Em 4 de julho de 1994, Heloísa Marinho morre, na cidade do Rio de Janeiro e é enterrada na cidade de Petrópolis.

Partindo do livro utilizado para alfabetização da minha sobrinha: "Bibia quer Tangerica", de Gilda Rizzo. Fui buscar explicações do que seria o Método Natural de alfabetização nos tempos atuais. Foi a própria Rizzo, no site da Escola Bia Rizzo que definiu:

> Portanto "método natural" seria aquele que promove o processo natural, isto é: o processo fisiológico, de construção de sistemas operacionais de leitura. Este "método natural de alfabetização" preconiza também que seja necessariamente modificado o ambiente educacional, como um todo. Visto não apenas na sua forma física, mas, sobretudo no seu sistema ou regime de relações sociais. Isso porque

> julgamos essencial contar com a iniciativa do aluno no ato de aprender, na ação de procurar a solução, interessar-se voluntariamente e responsabiliza-se por ela. (Rizzo.)

Percebo que há uma diferença significativa na visão do que ensinar e de como ensinar as crianças a ler e escrever em relação às tradicionais cartilhas.

O método natural de alfabetização pensado por Heloísa Marinho é um método baseado na fonética e na palavração. A autora defende a utilização de vocabulário que partisse dos próprios educandos, para então serem usados no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos. Sabemos que algumas escolas definem o vocabulário sem a participação dos alunos. Uma diferença entre o que Heloísa pensou e o que Gilda Rizzo propõe é que o último já utiliza um livro e não só o pré-livro, este deveria ser construído pelas crianças gradativamente. Já no caso de Rizzo há o uso de um livro e nele percebo que as palavras já estavam definidas previamente. Para comprovar trago a imagem do livro Bibia quer Tangerica, de Gilda Rizzo.

⑤ O pato e o pinto

Compreensão do texto

❶ Complete com a palavra correta:

O pinto viu o pato pular na água e _____

gostou | pulou | nadou

O pinto não pode nadar porque não tem _____

pé | pena | pata

O Palito falou: aqui não dá _____

pato | pinto | Pelé

❷ Marque a resposta certa:

Pelé não podia entrar na água porque:

- ❑ era um pato
- ☒ não dava pé
- ❑ era um lago

20

⑥ A macaca e a meia

Compreensão do texto

❶ Marque a resposta certa:

Essa história fala de uma:

- ❑ meia macaca
- ☒ macaca de mala
- ❑ macaca de meia

A macaca dessa história usava uma:

- ❑ meia assada
- ☒ meia azul e rosa
- ❑ meia maravilhosa

❷ Desenhe:

Uma mala meia azul meia rosa

Imagem retirada do livro Bibia quer Tangerica

São várias as etapas que compõem o processo alfabetização no Método Natural de alfabetização.São elas o vocabulário de apoio, o sentenciador, o caderno vocabulário, os livrinhos de ação, os jogos de leitura, a rodinha, a caçada, a

preguicinha. Gilda Rizzo ainda incorpora a caçadinha, as atividades de caçada e as saboneteiras de caçada, a esse processo inicialmente pensado por Heloísa, isso tudo estando integrado ao estudo do meio ambiente

A alfabetização, utilizando esse método se dá por meio de palavras chaves e é utilizado um vocabulário de apoio, este deve ser composto por gravura e por palavras e devem estar bem visíveis dentro da sala, e destacado a letra/som trabalhado naquela ocasião. Também servirá como apoio um caderno individual em que a criança desenha o objeto trabalhado pela professora, e a mesma escreve o nome do objeto, destacando de caneta vermelha a letra/som trabalhado. Este caderno servirá para consulta e cópia das palavras em outras fases do processo de alfabetização.

Imagem retirada da internet

Foto da sala de aula de alfabetização do colégio CEI

A preguicinha trata-se de um modo de leitura, em que cada palavra é pronunciada bem lentamente, para que as crianças ouçam e associe o som pronunciado à letra correspondente do alfabeto, até que se forme a palavra desejada. Após essa leitura lenta, se faz a releitura em velocidade normal. Nesta fase será feita a análise estrutural da palavra, que é o reconhecimento do som dentro do audiovisual da palavra. O objetivo dessa atividade e fazer o aluno compreender o processo analítico que está realizando. O significado da palavra permanece inteiro, não é destruído, seu significado não é despedaçado em partes menores, sem conteúdo ideativo. O aluno aprende a descobrir o valor sonoro de cada letra ou conjunto de letras, dentro do todo audiovisual da palavra inteira, sem isolá-las.

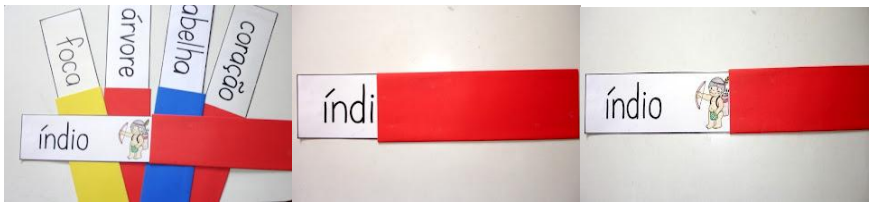


Foto retirada da internet

A palavra escolhida vai para o sentenciador, este é um quadro de pregas que será fixado na parede da sala de aula, perto do quadro negro. Nele será formada frases que as crianças possam ler. Dentro dessas frases, as palavras ainda desconhecidas das crianças deverão ser trocadas por imagens, garantindo assim o pleno entendimento das frases por parte dos alunos. Vale destacar que este deve ser um trabalho diário.

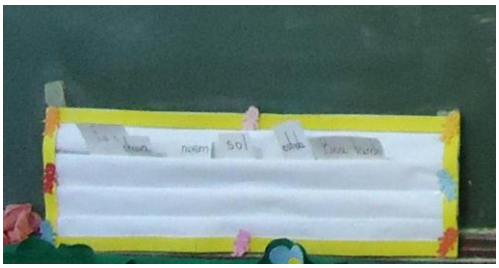


Foto da sala de aula de alfabetização do colégio CEI

A caçada será uma constante dentro da sala é nela que as crianças vão fazer a análise fonética das palavras de acordo com o som inicial de palavras conhecidas pelas crianças. A caçada tem esse nome porque é nessa parte do processo de alfabetização que os alunos procuram as letras/som dentro da sala nas atividades propostas pela professora, este pode ser trabalhado para todos os alunos e também pode ser feito esse trabalho de forma individual, em que os alunos procuram as letras/som em seu próprio caderno.

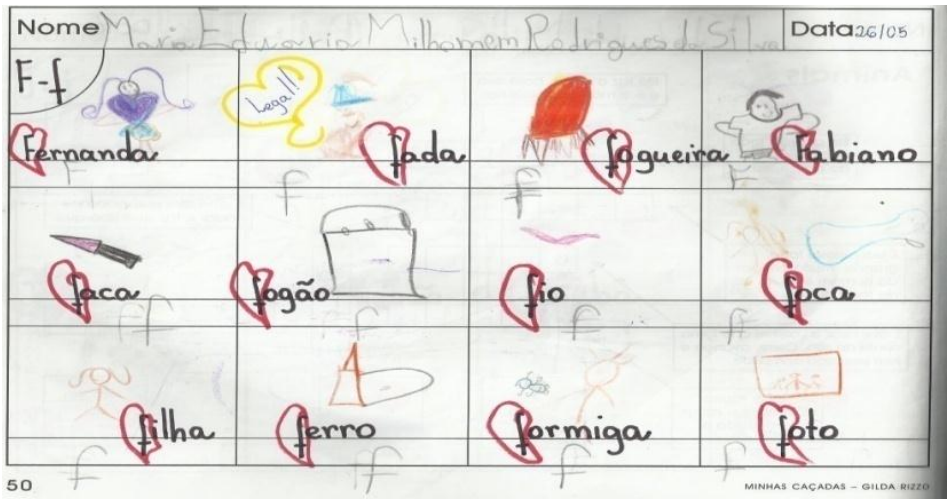


Imagem retirada do livro Minhas Caçadas

Os livrinhos de ação servem para estimular e facilitar o entendimento da leitura de frases e também servem como forma de fixação para as ações estudadas no vocabulário da turma. Já os jogos de leitura vão funcionar como uma atividade diferente, lúdica, de memorização das palavras.

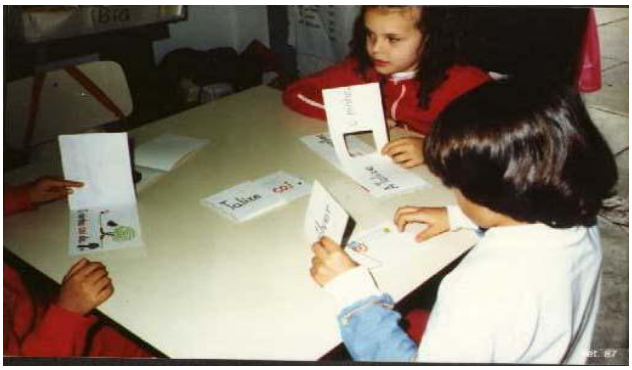


Imagem retirada da internet

As rodinhas são onde vão ser combinadas as tarefas que serão feitas no decorrer do dia, neste caso o educador exercerá a função de mediador na construção de conhecimento. A utilização das rodas dentro de sala de aula vai ser um dos grandes fatores que contam a favor de Heloísa Marinho na sistematização de seu método. As rodas passam a ter um valor significativo na educação, pois é através delas que surge um caminho para a fala do aluno, ele passa a ser realmente ouvido pela escola. É um espaço para que os educandos possam interagir com os

colegas e com a professora. Como Warschauer (2004) defende ,as rodas incluem planejar juntos as atividades, trocar idéias e pontos de vista sobre os projetos de trabalho em andamento ou qualquer tema significativo para o grupo ou avaliar sistematicamente o vivido. Diferente do que ocorre em salas de aula que utilizam o método tradicional, estas provavelmente vão homogeneizar e padronizar o tempo e o espaço escolar, deixando o aluno sem a oportunidade ou minimizando esta oportunidade de trazer suas experiências para dentro da sala de aula, e como conseqüência não terão a possibilidade de incluir a diversidade no ensino. Quando as rodas passam a fazer parte da rotina , o aluno tem a certeza de ele terá um tempo para ser ouvido, e a certeza desse diálogo ajudará na organização de pesquisas e trabalhos em conjunto, além é claro de funcionar como excelente recurso na questão da disciplina, pois nelas poderão ser tratados conflitos que venham a surgir seja dentro da sola ou em qualquer outro momento do processo de ensino aprendizagem. A conversa é o elemento primordial para o início de qualquer evento, atividade e relacionamento e é uma ferramenta poderosíssima para os formadores e educadores.

Segundo Braun, Morais, Oliveira e Almeida:

> Nesse espaçotempo professoras e alunos vão construindo conhecimentos, opinando, discordando, ampliando e complexificando olhares e saberes sobre o mundo. Aqui, o papel da professora, também ela uma participante da roda, é o de coordenar a atividade, não comandar; problematizar as questões que surgem, desafiar o grupo a pensar mais; valorizar a participação de todos. (p.84)

Imagem retirada da internet

A ludicidade esta sempre presente nas etapas que compõem esse método. E os jogos lógicos também são uma constante no Método Natural de Alfabetização, estes vão exercer a função de estimular as crianças na construção de esquemas operacionais de raciocínio. Um bom exemplo é o jogo da memória.

Imagem retirada da internet

Acho que um ponto a favor do Método Natural de Alfabetização criado por Heloísa Marinho é a utilização das ilustrações feitas pelas próprias crianças. Penso que estimulando a desenhar o que ela esta aprendendo, a criança mesmo que não domine o conteúdo trabalhado se sente fazendo parte do aprendizado. Além de ser muito prazeroso para a criança.

Capitulo III

ESTUDO DE CASO: ALFABETIZAÇÃO DA MARIA EDUARDA

O passo seguinte da pesquisa, após buscar compreender como se estrutura o Método Natural de Alfabetização, foi analisar o material que serviu de base para o processo de alfabetização de Maria Eduarda, minha sobrinha e estudante da classe de alfabetização de uma escola privada que utilizou esta metodologia.

O processo de alfabetização da minha sobrinha ocorreu com a utilização basicamente de três recursos:

- o livro “Bibia quer Tangerica” de Gilda Rizzo.
- um caderno de atividades com o mesmo nome.
- o livro “Minhas Caçadas” também de Gilda Rizzo.
- um caderno onde era ensinado a relação letra/som das palavras.

Começo minha análise pelo livro “Minhas Caçadas”. Assim que comecei a olhar este material, uma coisa me chamou atenção logo de início. Foi a presença da caneta vermelha para destacar verbos ou letras trabalhadas pela professora, como mostra as fotos abaixo:

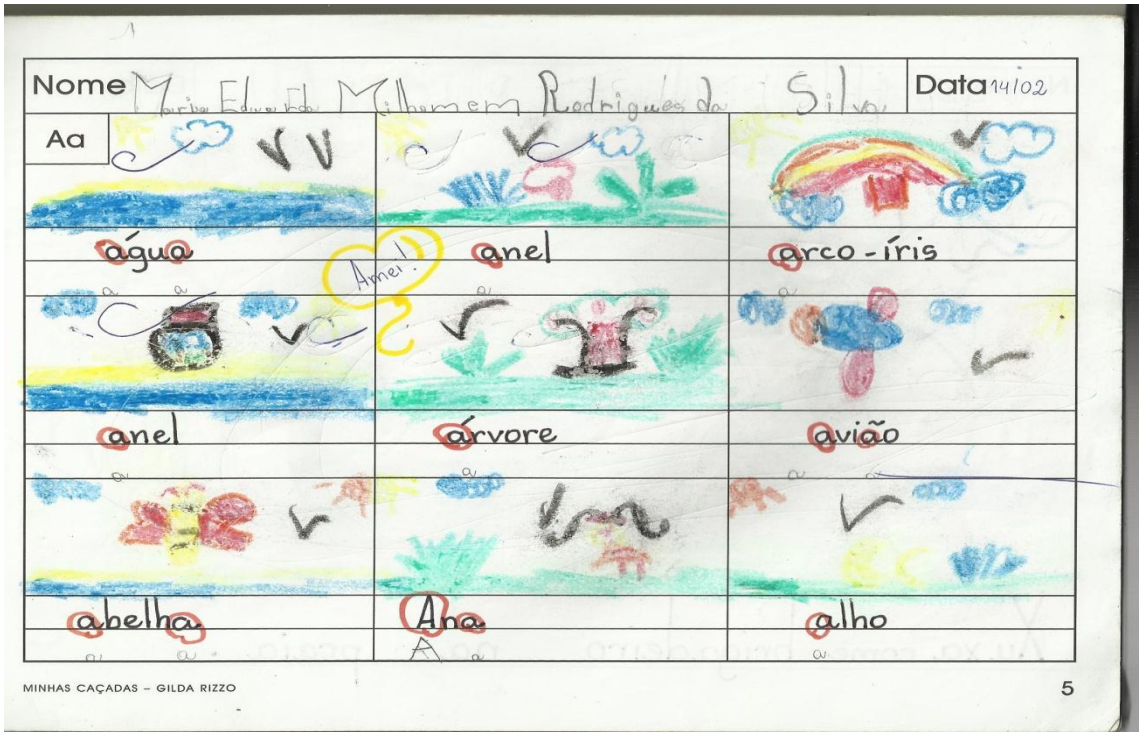


Imagem retirada do livro Minhas Caçadas

Imagem retirada do livro Minhas Caçadas

A partir dessa curiosidade fui buscar explicação para tal fato. Não encontrei algo que me explicasse o porquê de se utilizar a caneta vermelha. Encontrei apenas recomendações para uso de tal recurso.

Em dois trechos do livro de Rizzo ela deixa claro essa recomendação: “A escrita no quadro da palavra escolhida será feita com a utilização de giz vermelho”. Essa preocupação também aparece no trecho que ela diz: “e assistirá ao professor escrever cada palavra, destacando a inicial com a cor vermelha”.

Também me salta aos olhos o fato de se utilizar a escrita script e não a letra cursiva, como é muito comum nos métodos tradicionais de alfabetização. Para esse fato encontrei explicação, e é Rizzo quem nos dá:

> No início da aprendizagem da escrita, isto é, pelo menos nos seis primeiros meses (até outubro), a letra cursiva, ainda normalmente utilizada no Brasil deve ser evitada por oferecer vários inconvenientes como:
>
> 1. As ligações entre as letras modificam, muitas vezes o perfil original e eliminam limites;
> 2. A complexidade de sua forma dificulta sua memorização;

> 3. São difíceis de serem identificados dentro de uma palvra;
> 4. A criança analfabeta não percebe onde acaba uma letra e começa outra (lei da melhor continuidade_ Gestalt)
> 5. Dificultam a leitura da criança do que ela própria escreveu;
> 6. São difíceis de serem reproduzidas por crianças que não atingiram necessário grau de maturidade e coordenação de movimentos da musculatura fina;
> 7. Dificultam a análise estrutural e comparativa bem como a associação do som (fonema) ao seu respectivo grafema (letras). (RIZZO,1983,p111)

Não concordo com Rizzo. Acho que ambas as formas devem ser apresentadas à criança desde o início de sua alfabetização para que a mesma possa escolher qual dos modelos a agrada e facilita o processo de alfabetização.

Consigo notar, a partir do trecho do livro “Minhas Caçadas”, que mesmo sendo o início do processo de alfabetização, a professora não tem a preocupação de começar usando apenas as ditas palavras fáceis, muito comuns na alfabetização tradicional. Este fato se assemelha ao construtivismo, o que também me permite levantar a hipótese de que as palavras escritas no livro foram combinadas com as crianças, uma vez que palavras como arco-íris e abelha não seriam apresentadas as crianças em um primeiro dia de atividades, a não ser que partissem delas próprias a ideias de trazer tais palavras.

Também o fato deste livro ter vindo em branco me permite perceber que neste método há uma preocupação com a autonomia da criança. Traz a possibilidade da criança participar e de combinar as atividades com a professora.

Outro ponto a favor deste material é que não há ilustração pronta, os desenhos são sempre feitos pelos alunos. Marinho explica o porquê de não haver ilustração pronta no Método Natural de Alfabetização.

> Desenhos espontâneos se prestam a verificar a compreensão da leitura e da escrita. Desenhando a significação de palavras, sentenças, estorietas escritas, o aluno demonstra conhecimento de seu conteúdo intelectual.
> Desenhos espontâneos auxiliam a difícil aprendizagem dos verbos. A substituição de nomes por desenhos dá relevo a *escrita do verbo,*facilitando seu uso em variado conteúdo significativo.
> O aluno que desenha cenas e reproduz no grafismo livre minúcias características de pessoas, veículos e casa, pode com facilidade copiar palavras e pequenas sentenças. Não precisa de exercícios de caligrafia, ou cópia muitas vezes repetidas da mesma palavra, prática que tende a piorar a qualidade da escrita.
> O ilustrar a escrita com o respectivo desenho fixa a significação de palavras e sentenças e desenvolve o gosto pela boa apresentação de trabalhos. (MARINHO,1981,p80)

Acho válida essa explicação de Heloísa, e ainda acrescento mais: digo que o uso do desenho feito pela criança deixa o ensino de leitura e escrita mais lúdico e prazeroso. O uso do desenho tira aquele peso que é estigmatizado nos métodos

tradicionais de ensino, que desenho só é permitido quando não há nada mais importante para se fazer, ou que desenho é coisa do Jardim de Infância. Tamanha é a importância do desenho na alfabetização que foi a primeira coisa que surgiu quando eu e Maria Eduarda começamos falar sobre os materiais utilizados em sua alfabetização. Quando pedi seus materiais emprestados e expliquei para quê os queria, ela me disse assim: “Quando você vai me devolver tia esse livro da “Bibia”? porque é o livro que eu mais amo. Nele eu desenhei muito o ano passado e as vezes ainda desenho nele aqui em casa de brincadeira”. Confesso que estranhei a resposta e só agora tenho a dimensão da importância dos desenhos no processo de alfabetização. Com o exemplo abaixo fica comprovado a fala da Maria Eduarda.

Imagem retirada do livro Bibia quer Tangerica

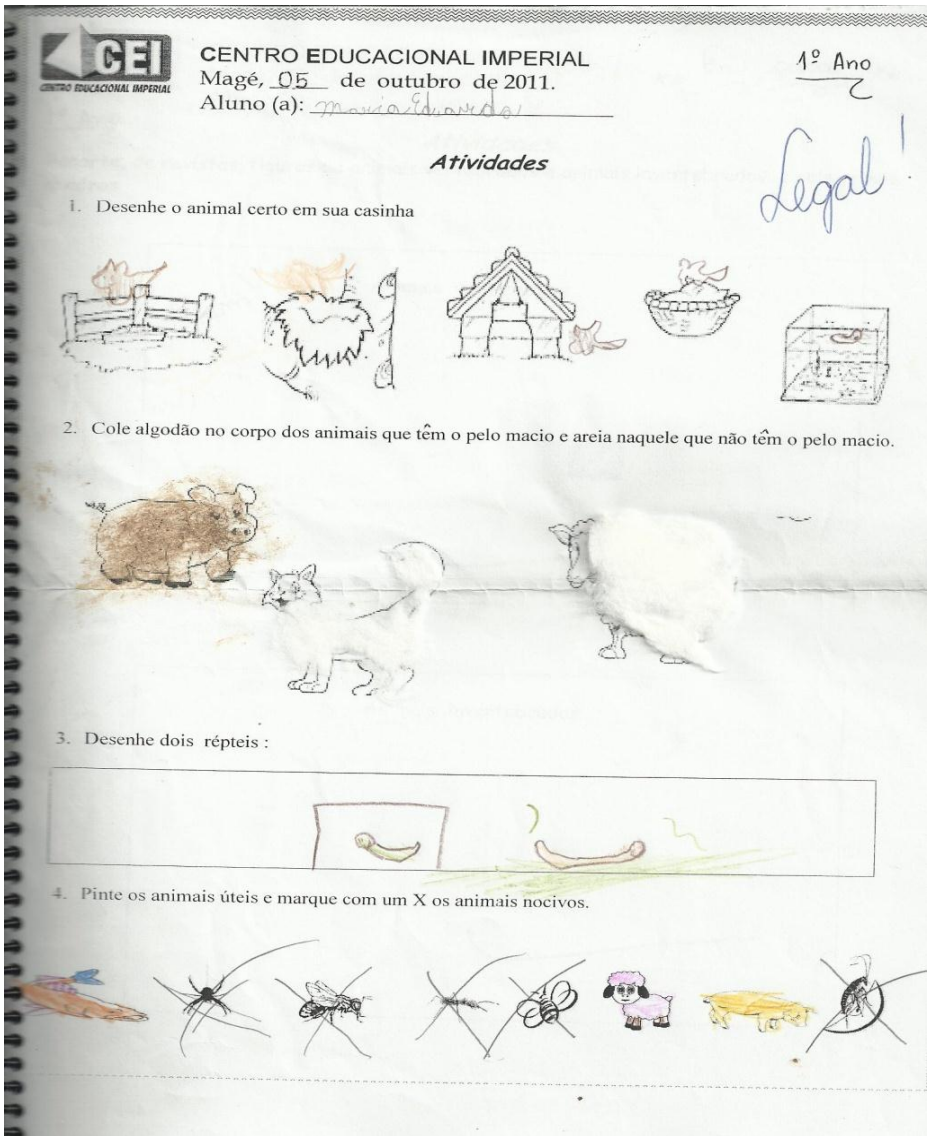
Outro material utilizado no Método Natural é o “Caderno do Som”, que passo agora a analisar. Nele, como nos materiais acima citados, há a utilização do desenho feito pela criança em larga escala.

Imagem retirada do "Caderno do Som" de Maria Eduarda

Imagem retirada do "Caderno do Som" de Maria Eduarda

Imagem retirada do "Caderno do Som" de Maria Eduarda

O que mais me chama a atenção nesse caderno é repetição de palavras e frases. Penso que às vezes as crianças ficam limitadas a escrever sempre as mesmas palavras e frases, trocando apenas o sujeito da frase. Lembro que das poucas vezes que tive a oportunidade de ajudar a Maria Eduarda na lição de casa. Tentava estimula-la a escrever outras coisas a pensar diferente, mas a resposta era sempre a mesma: “eu não sei essa palavra”. Aí eu tentava soletrar para ela a palavra, mas não conseguíamos nos entender. Eu falava, por exemplo, o P da família da PIPA, e ela não compreendia, pois não era assim que ela aprendia. Tive a impressão naquela época que ela só sabia copiar as palavras que já foram apresentadas a ela. Penso que eu tive mais dificuldade de entender e aceitar esse método, que a própria criança. Não só eu, mas toda a família que participava efetivamente do processo de alfabetização da Maria Eduarda.



CENTRO EDUCACIONAL IMPERIAL

Magé, 05 de outubro de 2011.

Aluno (a): Maria Eduarda

1º Ano C

Legal!

Atividades

1. Desenhe o animal certo em sua casinha

2. Cole algodão no corpo dos animais que têm o pelo macio e areia naquele que não têm o pelo macio.

3. Desenhe dois répteis :

4. Pinte os animais úteis e marque com um X os animais nocivos.

Imagem retirada do caderno de Atividades de Maria Eduarda

Quando analiso a atividade acima, sendo mais específica a de número 4, lembro nitidamente dos exercícios que fazia na época da minha alfabetização, provando o quão ultrapassado ele é, e o quanto ele contradiz o que propõe Heloísa Marinho e Gilda Rizzo. Elas pregam que a professora deve aproveitar a curiosidade natural do aluno para estimulá-los a serem seres mais reflexivos e autônomos. Na atualidade, imagino ser inadequado classificar animais como úteis e nocivos. Penso ser necessário e importante as crianças aprenderem sobre ecossistema, a cadeia alimentar, o ciclo de vida dos animais, logo no início do ensino fundamental, para evitar criar na criança a mentalidade de que o homem é o centro do universo. O professor deve começar a ampliar a visão dos alunos sobre a relação entre as

espécies, mostrando que há uma ligação entre elas e o meio ambiente, e que para uma convivência sadia é preciso respeitar a importância que cada um deles têm na cadeia alimentar.

Outra contradição que percebo nessa atividade dada pela professora é o fato dela ter usado desenhos prontos para ilustrar, ou seja, a professora quando tem a oportunidade de usar outro material “que não os livros”, deixa de lado todas os fundamentos do Método Natural de Alfabetização e cai no tradicional. É como se o tradicional estivesse impregnado nas gerações passadas.

Com essa análise pude perceber que nem sempre aquilo que foi pensado no Método Natural de Alfabetização vai ser utilizado de fato dentro das salas de aula, seja por falta de recursos para por em prática tudo o que Heloísa Marinho e Gilda Rizzo propõem, seja por despreparo dos profissionais que, por incrível que pareça, ainda estão muito fechados para pensar na educação como uma prática para formar cidadãos pensantes.

Talvez por isso Morais (2009) ainda afirme ser a alfabetização um grande desafio:

> Alfabetizar todos continua a ser um projeto e um desafio. E este desafio não é apenas para a professora ou para a criança. Este é um desafio coletivo. Planetário. Ou deveria ser. (MORAIS, p. 2)

CONCLUSÃO

Durante a realização deste trabalho pude perceber que pensar e escrever dá muito trabalho, que é cansativo e às vezes doloroso. Por muitas vezes me desesperei, chorei e pensei até em desistir. Tive a impressão de que só eu não conseguia escrever essa tal monografia. Que eu tinha um problema. Achava impossível escrever tantas páginas.

Quando comecei a escrever senti uma felicidade imensa. Pensava não ser capaz de passar da segunda página. Saber que consegui me dá um conforto porque apesar de ser tão penoso esse processo, a alegria em vê-lo pronto não tem tamanho.

Escrever para mim tem um sabor de vitória, pois sempre fui muito tímida, seja para me expressar através da escrita ou da fala. Nas aulas nunca fui muito de me expressar e nos trabalhos escritos sempre fui muito sucinta. Penso ser essa a causa do meu desespero. Tenho a consciência que daqui a algum tempo posso mudar de opinião sobre muitas coisas que escrevi aqui, mas isso só vai comprovar que somos seres em evolução.

Ainda bem que me superei, pois tive um prazer imenso em fazer um trabalho que serviu não só para garantir a nota de uma disciplina. Esse trabalho serviu para eu rever questões sobre alfabetização. Pensava ser o método tradicional o melhor, pois foi com o qual eu fui alfabetizada e achava não ter tido problema algum. Percebi que não ter problema algum não significa que não possa me abrir para o novo, para o melhor. Na condição de professora eu tenho a obrigação de conhecer a fundo os métodos de alfabetização mais modernos para poder compará-los, já que sei que não há um método perfeito, que servirá para alfabetizar com perfeição todas as crianças. Porém, vai haver sempre um, que vai se adequar melhor as condições tão diversificadas que encontramos nas nossas escolas.

O processo de alfabetização da Maria Eduarda serviu para me provar que outros métodos, como o Método Natural de Alfabetização, podem ser eficazes. Ficou claro para mim que alfabetização um processo a ser construído pela alfabetizando e não algo pronto que precisa apenas ser depositado em alguém.

Só após analisar os fundamentos do Método Natural de Alfabetização e as etapas que o compõe, pude entender que confundíamos a cabeça da Maria Eduarda, pois ela nos ouvia dizer: “Essa professora é maluca, não é assim que se ensina. No meu tempo não tinha isso e agente aprendia”. No começo da alfabetização ela estava começando a repassar nossa implicância para a professora dizendo que: “não aprendia e que queria sair da escola”. Só quando a mãe da Maria Eduarda foi conversar com a professora e obteve uma breve explicação de como era feita a alfabetização utilizando o Método Natural de Alfabetização, que ela começou a corresponder as nossas expectativas em relação à aprendizagem da leitura e escrita.

A partir dessa questão ficou claro para mim que o processo de alfabetização não é único e exclusivo da escola, mas também da família. Imagino que se soubesse questões que envolvem o Método Natural de Alfabetização teria ajudado muito mais a minha sobrinha, mas como não dá para voltar no tempo, procurarei acertar com meus filhos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O desejo de ensinar e a arte de aprender. Educar,2004. Disponível em: <http// www.educardpaschoal.org.br>. Acessado em 01/04/12.

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e prática. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 41ª ed.São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

LEITE FILHO, A.G. (1997). Educadora de educadoras: trajetória e idéias de Heloísa Marinho: uma história do Jardim de Infância no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC.

MARINHO, Heloísa.Vida Educação Leitura Método Natural de Alfabetização.Petrópolis, RJ. Papelaria América, 1981.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos ; BRAUN, P. ; OLIVEIRA, C. G. . Rodas em sala de aula: alguns aspectos relativos ao ensino e aprendizagem no cotidiano do Ensino Fundamental. Cadernos do Aplicação (UFRGSv. 23, p. 245-235, 2010.

_____. Alfabetização no Brasil: ainda um desafio. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 93, p. 01-06, 2009.

RIZZO, Gilda. Fundamentos e Metodologia da Alfabetização Método Natural. 2ªed. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1981.

_____.Bibia quer Tangerica: alfabetização natural fase III: caderno de atividades introdução à gramática, composição, interpretação. Rio de Janeiro. Editora Didática e Científica, 2003.

_____.Minhas Caçadas: alfabetização natural atividades da fase II. Rio de Janeiro. Editora Didática e Científica, 2001.

WARSCHUER, Cecília. Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna (org. Beatriz Scoz et al.). Petrópolis, RJ Vozes, 2004.

WEISZ, Telma. Coleção memória da pedagogia. Edição especial nº5 Emília Ferreiro: a construção do conhecimento. In revista viver mente e cérebro.